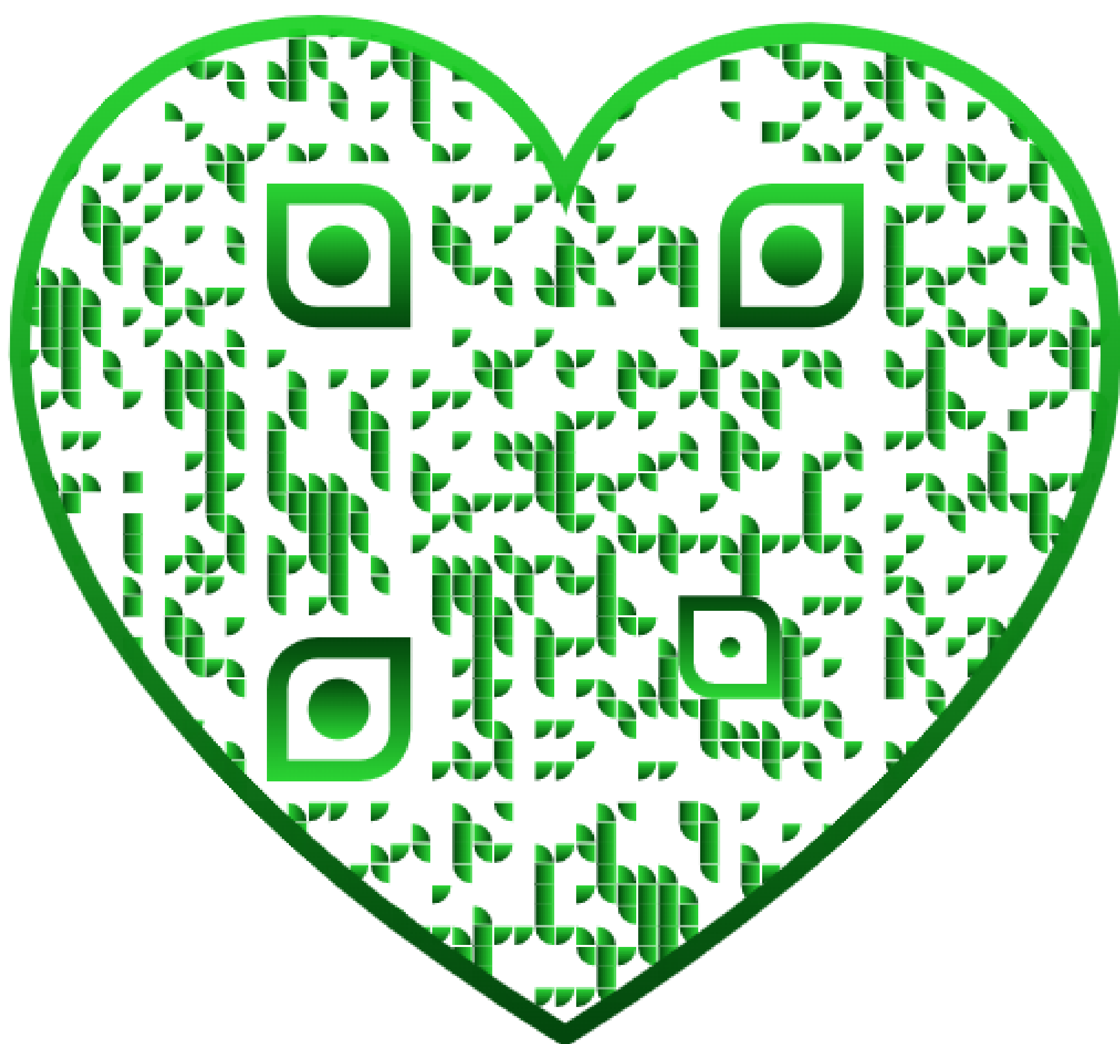
O PRESENTE

UM CONTO DE NATAL DA TRILOGIA DAS CARTAS

BIANCA CARVALHO





PERIGOSAS NACIONAIS

O PRESENTE

Um conto de Natal da Trilogia das Cartas

PERIGOSAS ACHERON

Este conto é parte de um universo criado nos livros da Trilogia das Cartas: Jardim de Escuridão e Versos Sombrios, de Bianca Carvalho.

Caso queira adquiri-los ou conhecer mais sobre eles, acesse o site:

www.eraeclipse.com

DEZEMBRO DE 2011

Tudo parecia perfeito. Havia músicas natalinas tocando, um pinheiro brilhava num canto da sala, todo enfeitado, e um cheiro maravilhoso saía da cozinha, o que denunciava que mais uma deliciosa empreitada de Tatianna estava sendo preparada para aquela noite tão linda. Ela passara o dia inteiro arrumando a casa, tentando deixar tudo pronto para quando sua família chegasse.

A palavra *família* veio à sua mente e lhe trouxe um cálido aperto no coração. Era estranho pensar no quanto a vida era cíclica, no quanto tirava, mas, ao mesmo tempo, o quanto oferecia em troca. Perdera mais pessoas queridas do que gostaria, porém, ganhara Rowan e Jayce, que eram como irmãos para ela. Principalmente Jayce, com

quem construíra uma amizade extremamente importante.

Enquanto colocava o enorme peru no forno, bem temperado, fechou os olhos e desejou que aquela noite fosse especial... Por mais que jurasse que o Natal não mais a deixava triste, a lembrança de sua mãe partindo, indo embora para nunca mais voltar, na noite que deveria ser a mais feliz do ano, ainda a machucava.

Mas, afinal, havia coisas muito mais agradáveis para se pensar, não havia? E, de alguma forma, seu coração lhe dizia que algo formidável estava prestes a acontecer. Algo inesquecível.

Estava entretida preparando os outros quitutes da festa, quando ouviu a campainha tocar. Ficou surpresa, uma vez que não estava esperando visitas àquela hora; seus convidados iriam chegar apenas à noite.

Limpando as mãos em um pano de prato, direcionou-se à sala e olhou no olho mágico. Achou estranho, pois não havia ninguém do lado de fora, e logo imaginou que poderia ser alguma criança

pregando uma peça.

Apesar disso, algo lhe dizia que deveria abrir a porta; que algo importante a esperava do outro lado.

Cautelosa e sem abrir a correntinha de segurança, Tatianna fez o que sua intuição lhe ordenava e observou o lado de fora da casa por uma pequena fresta. E não ficou surpresa quando viu que havia apenas um embrulho de presente sobre o capacho, misteriosamente colocado ali.

Ela ainda olhou para um lado e para o outro, para ver se encontrava quem o tinha deixado, mas não havia ninguém. Era como se a pessoa tivesse simplesmente desaparecido.

Assim que fechou a porta, percebeu, com curiosidade, que o tal presente estava endereçado a Cailey, embora ela já não morasse mais ali há algum tempo. Não podia negar qu era algo estranho e preocupante, mesmo levando em consideração a quantidade de coisas estranhas pelas quais as DeWitt estavam passando nos últimos tempos. Por isso, decidiu não esperar que a prima fosse até sua

casa mais tarde e levou o embrulho para Jayce avaliar. Se tivessem que resolver algum problema, que fosse resolvido antes da noite tão especial que ela tinha preparado.

Ao lá chegar, suspirou aliviada ao ver que fora exatamente o detetive quem abrira a porta. Após trocarem um abraço, ele a convidou para entrar, mas antes que ela o fizesse, falou bem baixinho:

— Preciso falar com você em particular.

— Cailey está em casa, mas está tomando banho, acho que não chegou a ouvir a campainha. Entre, vamos ao meu escritório. — ele pegou a mão de Tatty e a guiou até o pequeno quartinho que Jayce utilizava para trabalhar, desde que Cailey se mudara para lá. Quando o caso era muito difícil, ele ficava até muito tarde analisando relatórios, de luz acesa, e não queria acordá-la, por isso, criara um cantinho mais isolado para não atrapalhá-la.

Sentando-se em uma poltrona, Tatianna tirou o embrulho de dentro de sua bolsa e o entregou a Jayce.

— O que é isso?

— Recebi ainda agora. É para Cailey. Fiquei um pouco preocupada...

— Preocupada? Deve ser algum presente de Natal de alguma amiga que não sabe ainda que ela se mudou. — falou com delicadeza, não querendo desvalorizar a preocupação da moça.

— Eu sei, eu sei. Depois do que aconteceu com ela e o... — ela queria mencionar o Poeta Sombrio, mas aquele tinha se tornado um assunto proibido na frente de Cailey, pois a deixava completamente atormentada. — ...bem, você sabe... eu fico sempre em alerta.

— Tudo bem, querida, vamos abri-lo juntos, então.

Jayce se adiantou em destruir o embrulho, e assim que terminou, percebeu que se tratava de um caderno, de capa marrom, folhas amareladas, muito parecido com aquele com que Faith presenteara a irmã depois de sua viagem de lua de mel.

Ao folheá-lo, percebeu que a primeira

página estava preenchida por uma poesia.

— De fato é estranho. Não tem cartão, nem remetente...

— Isso não me cheira bem, Jayce. O que vamos fazer?

— O que vão fazer em relação a quê?

Isso era exatamente o que eles temiam. Cailey tinha terminado de tomar banho e, enquanto secava os cabelos com uma toalha, chegava ao escritório. Pelo visto tinha ouvido uma pequena parte da conversa.

Tatianna olhou para Jayce, buscando uma dica do que deveria fazer. Sentando-se no colo do namorado, Cailey parecia confusa, olhando de um para o outro, tentando compreender o que tinha acontecido.

— O que houve, pessoal? Estão me escondendo alguma coisa, não estão?

— Amor, alguém deixou isso na porta da casa de Tatty hoje. É para você.

Sem ter muita escolha e não querendo lhe

omitir nada, Jayce entregou o livro nas mãos de Cailey, que o segurou e levantou-se para observar do que se tratava. A primeira coisa que chamou sua atenção foi a poesia, que ela leu com uma certa confusão nos olhos:

Seu coração está cheio de esperança,
Buscando um novo horizonte trilhar
Seus dias têm gosto de primavera
E cheiram como chuva de verão
Mas há segredos escondidos por portas fechadas
Há mistérios não desvendados presos em uma ilusão
Faça sua escolha
E acredite...

Assim que Cailey terminou a leitura da poesia, Tatianna e Jayce testemunharam exatamente o que temiam: ela despencou no chão,

inconsciente, atormentada por algo que eles não sabiam o que era.

***

Rowan tinha acabado de terminar de tomar um banho e escolhido uma roupa informal para passar a noite. Ao mesmo tempo que estava triste por não passar o Natal daquele ano com seus pais, sentia-se aliviado. O que não era uma coisa muito boa a se pensar.

Seu pai era portador do mal de Alzheimer, em um estágio avançado. Qualquer jantar em família tornava-se triste e melancólico, porque ele simplesmente não se lembrava sequer do filho ou da esposa. Em raros lapsos de memória, ele parecia uma pessoa normal, e nos minutos seguintes já voltava a esquecer, a ter reações até mesmo violentas para as pessoas ao redor. Por isso, sua própria mãe o incentivara a passar aquela noite com a família de Faith, que ela chamaria algumas amigas e familiares para não ficar sozinha. E ele

sabia que merecia aquela alegria.

Assim que se vestiu, olhou no relógio e viu que já passava das seis da tarde. Faith ainda estava na floricultura, atendendo aos milhares de pedidos de presentes atrasados de Natal. Ela estava trabalhando em dobro, apesar da ajuda de Thomas, mas parecia feliz.

— Querida, já está tarde. Você precisa se arrumar. — avisou-a, uma vez que ela estava cada vez mais entretida em seu trabalho, e aproveitando que não havia nenhum cliente ali.

Faith, por sua vez, olhou no seu relógio de pulso e constatou o que o marido tinha acabado de dizer. Arregalou os olhos, com um sorriso envergonhado no rosto.

— Meu Deus, perdi completamente a hora.

— Viu? O que faria sem mim? — brincou ele. Ela, então, colocou os braços ao redor de seus ombros, abraçando-o.

— Acho que não conseguiria nem respirar... — falou com carinho. — Aliás, eu realmente mal

posso respirar ao olhar para você. — e ela o olhou de cima a baixo.

Rowan era sempre um homem elegante, que se vestia impecavelmente. Naquele momento, usava uma blusa de bola alta preta, com uma calça da mesma cor e uma jaqueta de couro caramelo, combinando com os sapatos. De barba feita, cabelos sempre bem penteados e cortados, ele parecia um modelo de alta costura, saído diretamente de uma revista badalada.

— Posso resolver esse problema, com muito prazer. Até porque, já estamos mesmo atrasados... — Rowan foi andando até a casa deles, ainda abraçado a Faith.

— É, eu acho que mais uma meia horinha não irá nos atrapalhar.

— Meia horinha? Ah, querida, prepare uma desculpa muito boa para Tatianna, pois acho que vamos levar um pouco mais de tempo que isso. — e ao falar, Rowan a levantou nos braços, colocando-a com as pernas entrelaçadas em sua cintura, carregando-a para o quarto.

***

— Cailey? Cailey, você está bem? — a voz era de Jayce, preocupado; Cailey podia ouvir, mesmo ainda retornando de seu desmaio.

Desnorteada, um pouco entorpecida pelo desejo de se manter inconsciente, ela foi voltando a si aos poucos. Contudo, assim que abriu os olhos e se viu deitada no pequeno sofá do escritório de Jayce, jogou-se nos braços do namorado, chorando como uma criança.

— Cailey, o que aconteceu? — Tatianna indagou, vendo o estado da prima.

— Alguém tentou se comunicar comigo por telepatia! Novamente!

— Mas essa é uma das partes de seu dom, querida...

— Não! — Cailey interrompeu Tatianna. — Ou melhor, pode até ser, mas nunca mais aconteceu, depois do... — ela mal conseguia

proferir o apelido de seu pior tormento.

— Você conseguiu captar alguma mensagem? — Jayce indagou.

— Não. Foi como uma confusão de informações na minha cabeça.

— Jayce, você acha que...? — Tatianna e Jayce se entreolharam.

— Ah, não, mas que merda! Vocês dois não vão começar com seus segredinhos, vão? Não em um momento como esse...

— Fique calma, Cailey. Não estamos especulando nada. Até porque seria estúpido pensar que poderia ser o Poeta Sombrio novamente. Afinal, ele está morto.

Ao ouvir a prima mencionando o nome amaldiçoado, Cailey se encolheu, e Jayce a abraçou novamente.

— Meu amor, seja lá o que for, vamos descobrir, ok? Agora vá se arrumar, vamos voltar com Tatty. Faith e Rowan já devem estar chegando.

Obediente, Cailey saiu do escritório, indo

em direção ao quarto, para vestir uma roupa para a noite de Natal.

— Jayce, estou com medo. — assim que ela se afastou, Tatianna comentou com ele.

— Eu também, Tatty, eu também...

***

Três horas depois, Faith e Rowan saltavam do carro, em frente à casa de Tatianna. Como sempre costumava fazer, Rowan deu a volta no veículo para abrir a porta para sua esposa. Contudo, assim que se levantou, ela cambaleou, sentindo uma passageira tontura.

— Está se sentindo bem, querida? — Rowan se apressou em segurá-la com mais firmeza.

— Foi uma visão... — ela revelou, confusa. — Com Cailey.

— Alguma flor para ela?

— Mais ou menos. Eu enxerguei um

Cipreste. Não é estranho?

— Querida, nada em uma de vocês pode ser considerado estranho... — ele brincou para tentar descontrair. — Mas diga, qual o significado desta planta?

— Mistério.

— Bem, realmente é bem estranho. Vai contar para ela?

— Não sei. É noite de Natal... E ela já passou por tantas coisas ruins...

— Seja lá o que for, não é melhor ela saber?

— Mas não há uma explicação coerente. Não vou me fazer entender. Na verdade, nem eu sei o que significa. — Faith lamentou.

— Talvez não seja nada de grave.

— Assim eu espero.

E, com uma expressão preocupada, Faith entrou na casa da prima, sendo conduzida por Rowan.

Como acontecia em todos os anos, Tatianna

tinha mais uma vez caprichado na decoração da casa, da mesma forma como Lolla fazia todos os anos, enquanto ainda estava viva. Os Natais sempre costumavam ser os mais felizes, mesmo quando eram apenas só elas quatro, pois sua avó era incansável em agradá-las, principalmente à Tatianna, que não tinha lembranças muito boas daquela data.

Faith e Rowan cumprimentaram a todos, mas ela, sempre mais sensitiva, percebeu que Cailey estava pálida e tinha os olhos um pouco inchados. Jayce não estava muito melhor, sustentando uma expressão preocupada e protetora.

— Cailey, está tudo bem? — Faith indagou, acariciando o braço da irmã, coberto por um pesado casaco de lã.

— Não. Não está tudo bem... — ela não conseguiu se segurar. Queria poder se controlar e não preocupar sua irmã naquele dia especial, mas precisava desabafar. Sua mente pedia aquilo, ordenava que exorcizasse seus demônios interiores. — Aconteceu de novo... alguém tentou invadir

minha mente.

— O quê? — Rowan foi o primeiro a se manifestar, mostrando-se preocupado com a cunhada. — Acha que pode ser o Poeta Sombrio novamente?

— Não! — Faith exclamou. — Cailey não o matou?

— Você, melhor do que ninguém, deveria saber que não é bem assim. — Cailey olhou para Faith com o olhar desafiador, impaciente.

— Acalme-se, Cailey, você não sabe do que se trata ainda. — Tatianna disse.

— E é por isso que estou apavorada!

` — Cailey, você anda desconfiada de alguma coisa, sente alguém te perseguindo? — Jayce tentou.

— Ah, não me venha com esse papinho de detetive, Jayce! Se eu estivesse me sentindo ameaçada de alguma forma, teria te falado. Não sou burra, muito menos tenho vocação para ser uma maldita donzela em perigo...

Jayce bufou, conformado, sabendo que aquele seria um trabalho árduo. Ao mesmo tempo, sentia-se preocupado e desconfiado. Por isso, afastou-se dos amigos e foi até a sala, onde pegou seu celular e telefonou para Steve, seu melhor amigo e parceiro na polícia. Sabia que era uma indelicadeza telefonar em pleno Natal, que ele estaria passando com os pais de Emily em Cape Cod, mas era uma questão importante.

— Steve, irmão... desculpe ligar em um dia como hoje... — começou Jayce, mas foi interrompido pelo amigo, que parecia já ter tomado algumas cervejinhas.

— Ah, seu sentimental! Ligando para desejar Feliz Natal? Poderia estar aqui conosco, mas preferiu o trio esquisito das DeWitt e o almofadinha do Allers...

— Cale a boca e me ouça, Steve. Sei que brigou muito por essa folga no Natal, mas preciso de uma informação... Desde o início das minhas férias, algum desaparecimento foi reportado?

— Um zilhão deles, quer saber sobre algum

em especial?

— Algo como as vítimas do Poeta Sombrio...

— Opa, opa, opa... calma ai, bonitão. Como assim? Matamos a criatura...

— Alguém tentou invadir a mente de Cailey hoje. Ela desmaiou, ficou fora do ar por alguns instantes, exatamente como acontecia. Estamos preocupados.

— Até eu fiquei agora. Mas ela não se comunicava através de poesias com o Poeta Sombrio? — Steve lembrou.

— Sim. Mas desta vez não escreveu nada. Por isso ainda não sabemos o que é.

— Cara... vou dar uma ligada para a delegacia e sondar. Qualquer coisa eu te ligo. — ofereceu o amigo. — Cuide dela.

— É tudo que eu mais quero fazer... Não posso permitir que ela passe por outro trauma como aquele.

— Não vai acontecer nada. É Natal... vai

comer sua ceia e vamos nos falando.

Os dois desligaram o telefone. Aquilo deveria tê-lo acalmado, mas, não. Jayce permanecia tenso, pensando o que poderia estar acontecendo debaixo de seu nariz.

***

Ninguém a deixava sozinha. Para todo canto que ia, um de seus guarda-costas ia atrás. Isso a estava deixando extremamente irritada. Queria passar algum tempo sozinha, nem que fosse para colocar suas ideias em ordem e pensar conscientemente no que poderia estar acontecendo.

Jayce, é claro, era o mais devotado de todos. Porém, na primeira vez que ele saiu de seu posto para ir ao banheiro, Cailey se viu livre. Seus olhos se encontraram imediatamente com a imagem de Tatianna, debruçada em uma janela, parecendo pensativa e um pouco melancólica. Não hesitou em ir ao encontro dela.

— Tatty... você está bem?

— Eu que pergunto...

— Estou tentando... não quero que aconteça de novo. Não estou preparada para lutar mais uma vez.

Antes que Tatianna pudesse responder qualquer coisa, Faith se aproximou.

— Não guardem segredos de mim, quero saber tudo que está acontecendo...

— O que acha de irmos para o quarto de vovó? Vamos aproveitar que os rapazes estão entretidos e ter um momento só para nós? — Tatianna opinou e as outras concordaram.

Pé ante pé, para não chamar atenção, as três DeWitt partiram para o andar de cima, entraram no quarto de Lolla, fecharam a porta e acomodaram-se. Por um momento nenhuma delas soube por onde começar a falar, acreditando que o silêncio seria a melhor escolha.

Faith, como sempre a apaziguadora, tomou as mãos das outras duas entre as suas, como se

formassem um círculo; como se estivessem prontas para rezar ou fazer um pacto. Seja lá o que fosse, a força que emanava delas era impressionante.

— Estamos juntas, independente de qualquer coisa. — ela falou.

Mas antes que qualquer uma das outras pudesse responder, um estranho sentimento se apossou do coração de cada uma delas, que as fez fechar os olhos.

A imagem que surgiu na mente de cada uma delas foi a mesma. As três juntas, em um vale inexplorado pelo homem, rodeado por tapetes de flores e uma grama bem verdinha. Caminhavam de mãos dadas, observando o horizonte, apenas esperando, pois sabiam que algo estava para acontecer.

Não demorou para que Lolla aparecesse. A avó que tanto amava, que adivinhava o futuro e que deixara cartas para cada uma delas, preocupando-se em guiá-las em seus destinos tortuosos, estava ali, em espírito, como um sonho projetado para enviar-lhes alguma mensagem especial.

As quatro, netas e avó, deram-se as mãos, deixando que o vento açoitasse seus cabelos em um ritmo calmo, similar a um doce balé. Nenhuma das moças mais jovens sabia o que deveria fazer, por isso permaneceram em silêncio, enquanto Lolla DeWitt simplesmente olhava para o céu, sorrindo, parecendo muito paciente.

Faith, Cailey e Tatianna já estavam mais do que curiosas e ansiosas para saber o que faziam ali, naquela espécie de transe mágico. Até que Lolla finalmente falou.

— Vocês já perceberam que há estrelas no céu todos os dias?

As jovens se entreolharam, mal compreendendo o que Lolla estava querendo dizer. Por isso decidiram aguardar, pois sabiam que ela lhes daria uma explicação.

— Há sempre flores nas árvores, borboletas coloridas sobrevoando nossas cabeças, mas nossos olhos estão sempre tão ocupados com a correria do dia a dia que não enxergamos a beleza ao nosso redor. — Lolla fez uma pausa. — O mesmo

acontece com as certezas da vida. A maioria delas está debaixo de nossos narizes, mas simplesmente não conseguimos vê-las...

— Vovó, não estou entendendo... — Cailey decidiu se intrometer.

— Claro que não, querida... das três, você é a que mais fecha os olhos para o que há de belo em seu destino. Precisa ficar de olhos abertos... Ver o que está acontecendo dentro de você mesma.

— Cailey está em apuros de novo? — Faith indagou.

— Depende de como ela prefere interpretar... — Lolla sorriu. Parecia um sorriso feliz. — Deixe de lado seu medo e aceite que nem sempre o seu dom está atrelado a alguma coisa ruim. O que aconteceu com você foi uma fatalidade... Pode ser que jamais se repita...

Lolla terminou de falar e um silêncio se formou ao redor delas. Depois de alguns breves instantes, ela colocou as mãos delicadas nos rostos de suas netas queridas e beijou a cada uma delas. Seu beijo sobrenatural foi como um sopro de

primavera em seus rostos e as fez despertar, uma a uma.

— Eu nem sequer tive tempo de perguntar sobre a minha carta. — Tatianna era a única neta de Lolla que não tinha recebido sua carta premonitória e cujo dom especial, característica peculiar das mulheres da família DeWitt, ainda não tinha se manifestado. Enquanto Faith tinha o dom de prever o futuro através do significado das flores; e Cailey conseguia se conectar com a história das pessoas pelas poesias que escrevia, Tatianna não conhecia nada de sua habilidade especial. Se é que tinha uma.

— Acho que ela não diria nada sobre isso, Tatty... — Faith respondeu.

Enquanto Faith e Tatianna se mostravam pensativas, Cailey levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro. Impaciente como sempre, ela simplesmente não conseguia se acalmar, enquanto pensamentos conflitantes teimavam em se remexer em sua cabeça. Sabia que a mensagem de Lolla tinha sido para ela. Sabia que

estava negligenciando algo de muito importante, e que, com certeza, tinha alguma coisa a ver com as coisas que estavam acontecendo.

— Cailey, você está bem?

Ela não respondeu nada, apenas correu para a escrivaninha no quarto de Tatianna, onde estavam, e pegou um papel e caneta. Estava consciente, apesar disso.

Contudo, o que ela escrevia eram apenas rabiscos, como desenhos de uma criança bem pequena, completamente sem sentido.

— Não sei o que acontece... é como se outra mente estivesse se comunicando comigo, mas isso é tudo que eu vejo... — Cailey, desesperada, colocou a mão na cabeça.

— Você precisa se acalmar. Lembre-se do que vovó disse... talvez seja algo bom e não ruim... — Faith disse, mas Cailey não parecia muito convencida.

Nesse momento, porém, alguém bateu à porta. Era Rowan.

— Tudo bem ai, meninas?

— Sim, querido... estávamos conversando em particular. — Faith respondeu.

— Thomas chegou. Ele disse que precisa falar com as três. Parece importante.

— Já vamos. — Tatianna sorriu. Rowan retribuiu o sorriso e saiu do quarto para deixá-las à vontade.

Assim que todas se recompuseram da conversa com a avó e da preocupação de Cailey, foram para o primeiro andar receber o amigo.

Thomas parecia muito feliz, penteado e usando sua melhor roupa e... trazendo um envelope na mão. Imediatamente Tatianna sentiu o corpo retesar.

— Acho que D. Lolla deixou um presente de Natal para as três. — o rapazinho anunciou, assim que as viu.

— Para as três? — Tatianna perguntou, sentindo-se um pouco decepcionada.

— Sim... vejam. — Thomas entregou o

envelope nas mãos de Faith, que parecia a mais calma das três. As outras duas uniram-se a ela e leram a indicação: "Para meus três presentes, Faith, Cailey e Tatianna... Para ser entregue na noite de Natal de 2011."

As três DeWitt se entreolharam. Faith sentou-se no sofá, sendo seguida por Cailey e Tatianna, que se acomodaram de cada um de seus lados. Logo começaram a ler, para si mesmas, saboreando aquele momento.

"Minhas queridas,

Surpresas com essa carta? Bem, eu também estou...

Vocês, melhor do que ninguém, sabem que minha mente sempre me pregou peças. Dessa vez não foi diferente. Dias depois de ter escrito a carta de Cailey, outra imagem surgiu em minha mente. Uma imagem linda e cheia de esperança, que só poderia ser revelada em uma noite como essas.

Espero que estejam as três reunidas, com a

árvore de Natal montada e a lareira acesa, exatamente com costumávamos fazer... quase posso sentir o cheiro do peru assando no forno, ouvir as músicas natalinas tocando ao fundo e vê-las lindas, como sempre. Espero que Rowan e Jayce também estejam presentes, e que estejam preparados para fazer parte desta festa. Claro que há momentos de desesperança, mas nossa família é muito mais competente em momentos como esse... onde há harmonia, luz e amor. Ah, esse nunca faltou...

Esta noite tem uma luz especial. Uma luz de renascimento de espíritos... ou melhor, de almas que se encontraram e que, juntas, criaram magia. Porque, para mim, é isso que simboliza um nascimento.

Cailey, querida, há vida crescendo dentro de você. Há uma mente em desenvolvimento dentro de seu ventre, que está desesperada para se comunicar. Ainda não há poesia neste pequeno coração, mas há uma conexão entre vocês, um laço, que apenas mãe e filha podem compartilhar.

Faith, há um desejo latente em seu

coração... ainda não chegou o momento de Deus lhe presentear com ele, mas chegará o dia. Acalme-se e deixe que a natureza faça sua parte.

Tatianna, você terá tudo que tem direito: carta, dom e romance... sua hora também chegará.

Que este Natal seja de bênçãos para todos vocês, meus queridos. Lembrem-se sempre do verdadeiro motivo desta festa: o nascimento de Jesus. Lembrem-se também que sempre estarei presente, em todos os momentos. Não seria diferente nesta noite tão bela.

Sua Lolla.

Quando a leitura foi finalizada por todas, Cailey estava calada. Sua face pálida denunciava que estava em pânico. Tanto que levantou-se de um pulo do sofá e correu para o lavabo e trancou a porta.

— Cailey! — Jayce correu atrás dela, mas não chegou a tempo, pois ela fechou-se lá dentro

antes que ele pudesse alcançá-la. — O que houve aqui? — ele se virou para os outros.

— Acho melhor que ela te conte, Jayce. — Tatianna respondeu.

Todos, então, começaram a esperar. Para sua sorte, Cailey não demorou muito para sair de seu esconderijo. Ao contrário do que todos poderiam imaginar, ela tinha lágrimas nos olhos, mas sustentava um sorriso no rosto.

— Meu amor... o que aconteceu? — Jayce se prontificou a levantar para aproximar-se dela.

— Eu estava enjoada... — e gargalhou. — Ah, meu Deus... eu preciso sentar para absorver tudo isso.

— Cailey, querida, você compreendeu o que vovó quis dizer, não compreendeu? — Faith, com muita paciência, perguntou.

— Claro que sim. Fiquei assustada no início, mas agora... meu Deus! Estou feliz...

— Meninas, não estou entendendo nada. Acho que está na hora de explicarem. — Rowan

falou, e Jayce concordou com ele.

Cailey levantou-se novamente, colocando-se de frente para Jayce. Ela tomou seu rosto entre as mãos, com muito carinho, colocando-se na ponta dos pés para poder tocá-lo melhor. O momento pedia isso.

— Jayce, você sabe quem estava tentando se comunicar comigo? Não era o Poeta Sombrio...

— Não, Cailey, não sei, mas estou desesperado para saber.

— Nossa filha...

Ela falou com doçura, mas sem dar qualquer explicação. Jayce, é claro, não compreendeu.

— Cailey, pelo amor de Deus, do que está falando?

— Estou grávida... nosso bebezinho, pelo que parece, também consegue entrar em minha mente... e eu na dela. Temos uma ligação especial... — Cailey estava chorando.

Todos tinham os olhos fixos em Jayce. Sua

pele naturalmente morena empalideceu imediatamente e sua expressão ficou inerte. Por um momento parecia que ia ter um colapso, mas logo sorriu também, assim como a namorada. Logo a abraçou pela cintura e a elevou do chão, girando com ela nos braços, comemorando.

— Eu vou ser pai! — exclamou. — Ah, meu Deus, eu te amo tanto. — ele a beijou e a colocou no chão. — Mas veja bem, Cailey DeWitt, não vai mais fugir de mim. Acho melhor nos casarmos antes que essa barriguinha apareça. Não quero que pensem que estou casando com você somente porque a engravidei, e...

Jayce parecia que ia continuar falando sem parar, de tão nervoso e emocionado que estava, mas Cailey o interrompeu com um beijo.

Rowan abraçou Faith, beijando-a no alto da cabeça. Claro que ela queria que aquela alegria fosse com ela, e o marido sabia disso. Mas estava satisfeita pela irmã e com o que a avó dissera na carta sobre ter paciência. Tatianna não estava diferente. Algo em seu coração tinha se acalmado,

pois sua carta também chegaria, com a chave para seu destino.

E como uma verdadeira família, Faith, Cailey, Tatianna, Rowan, Jayce, e até mesmo Thomas, se abraçaram, em uma união tão bela quanto o Natal. Aquela era uma noite para celebrar. A vida, o amor e a esperança.

Enquanto isso, uma estrela mais brilhante se destacava no céu, como se abençoasse aquela casa, protegendo todos aqueles destinos.

FIM

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON